

Empoderamento de meninas nas primeiras séries do ensino fundamental: lúdico e sexismo em *Matilda*

Girl's empowerment in the first grades of the elementary school: playfulness and sexism in Matilda

Larissa Rocha Vieira Guedes Alcoforado*
Instituto Federal do Espírito Santo - IFES

377

Camila David Dalvi*
Instituto Federal do Espírito Santo - IFES

RESUMO: Este artigo apresenta caminhos para discussão, nas primeiras séries do ensino fundamental, da temática do empoderamento de meninas, com base no sexismo presente em *Matilda* (1991), de Roald Dahl. A partir de uma leitura direcionada pelos professores, em que se ressalte o lúdico e o debate dos acontecimentos junto aos alunos, propõe-se problematizar desde a infância a posição da figura feminina na sociedade. Há ainda o diálogo com as ideias de ADICHE (2017) e BEAUVOIR (1949).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Empoderamento de Meninas. Sexismo

ABSTRACT: This article presents ways to discuss, in the first grades of the elementary school, the theme of girl's empowerment, based on the sexism present in Roald Dahl's *Matilda* (1991). From a reading directed by the teachers, emphasizing the playfulness and the debate of the events with the students, it is proposed to problematize since childhood the position of the

* Graduada em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo - IFES.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes.

female figure in society. There is also dialogue with the of Adichie (2017) and Beauvoir (1949).

KEYWORDS: Teaching. Girl's Empowerment. Sexism.

Introdução

O empoderamento feminino é temática constante no século XXI. A tentativa de invalidar a capacidade feminina e cercear sua participação social, menosprezando seu local de fala, é vista no cotidiano e tem gerado um movimento cada vez maior em busca de igualdade. Ainda hoje as diferenças do sexo biológico são consideradas naturais e dividem os bebês em meninas ou meninos, uma vez que gênero é um marcador socialmente que, utilizando essas diferenças, contempla as construções sociais e históricas atribuídas ao corpo da/do bebê a partir do momento da descoberta do sexo. E, ao longo de toda a vida, essas definições seguem dividindo e moldando os sujeitos de acordo com aquilo que é esperado de uma mulher, ou de um homem. Assim que o sexo da criança é descoberto, o que ocorre cada vez mais cedo na atualidade, uma vez que a tecnologia avança na precisão dos exames, tais como a ultrassonografia e a sexagem fetal¹, as crianças são direcionadas aos universos correspondentes àquilo que é definido biologicamente: o sexo. Se a criança é identificada com o sexo feminino, espera-se que ela corresponda aos padrões definidos para tal conforme o gênero feminino. E, para o sexo masculino, a mesma associação também se aplica. Dessa maneira, ao se analisarem as raízes desse processo, percebe-se que a construção do discurso de desrespeito ao feminino surge ainda na primeira idade, quando, ainda hoje, temos a sociedade perpetuando os papéis de gênero. Dessa maneira, nos últimos anos tem se multiplicado os

¹ A sexagem fetal é um exame realizado a partir da oitava semana que aponta o sexo do bebê com quase 100% de acerto. Não é um exame invasivo e feito pela amostra de sangue da mãe.

números de programas e ações² que visam o empoderamento feminino, no Brasil e no exterior, sendo a maioria dessas práticas são voltadas ao público de mulheres adultas. Entretanto, o número de programas voltados para o empoderamento de meninas vem crescendo nos últimos anos, afirmando a importância do trabalho pela igualdade de gênero desde a infância. E a prática de leitura em sala de aula, com o estudo direcionado da literatura são possibilidades de trabalhar, a fim de transformar esse cenário de preconceito e fomentar a promoção de autonomia para o público feminino infantil.

Assim, esse trabalho vem propor caminhos para que a temática do empoderamento feminino seja trabalhada ainda na puerícia, ofertando o entendimento desse tema a esse público-alvo. É preciso entender que o ensino do respeito e da igualdade entre sexos é necessário durante toda a trajetória humana, não podendo ser excluído da infância, período de formação intelectual e cognitiva da criança, em que a plasticidade cerebral é maior, o que nos dá a premissa de que o assunto pode e deve ser debatido nas primeiras séries.

Buscando, portanto, o entendimento da igualdade entre os sexos e o rompimento com princípios do patriarcado, o livro *Matilda* (1988), de Roald Dahl, que ganhou tradução em 1991, pode ser trabalhado. A obra traz como personagem principal uma menina de cinco anos inserida num contexto sexista e que resiste à ideologia de que meninas não são e não podem ser capazes de resolver seus problemas ou ser alguém admirada por sua capacidade

² Dentre essas ações, podemos citar o projeto “Hoje menina, amanhã mulher” da Associação Renascer Mulher - Assorem, que de 2014 a 2016 realizou discussões sobre direitos, enfrentamento à violência, cidadania, gênero e protagonismo com 75 meninas de 7 a 17 anos de uma área de vulnerabilidade social, em Salvador. Podemos tomar como exemplo ainda a pesquisa de doutorado em psicologia que propôs intervenção psicoeducativa intitulada “Falando sobre Gênero”, realizada em 10 encontros com 22 crianças do primeiro ano do ensino fundamental de escola pública, em cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Para trabalhar sobre empoderamento de meninas, igualdade de gênero e respeito à diversidade sexual, foram utilizados seis livros infantis que problematizam os estereótipos de gênero tradicionais e valorizam o protagonismo feminino, e realizadas atividades psicoeducativas como desenhos, colagens, pinturas e textos coletivos.

intelectual. *Matilda*, pelo contrário, demonstra que pode encontrar soluções para as adversidades que se apresentam, sem a participação do herói, príncipe, pai ou salvador, todos essas figuras masculinas. Vale destacar nesse ponto outras convicções sutis e implícitas que aparecem no enredo: entre elas, a de que uma mulher só pode ser eficaz se tomar para si uma postura dita masculina e de que é fraca o suficiente para aceitar abusos e não lutar contra injustiças.

Além disso, a escolha desse livro é também uma maneira de apresentar o lúdico ligado a uma garota, o que é raro, uma vez que normalmente os personagens principais desses universos mágicos são masculinos. Além disso, o lúdico em sala de aula já foi constatado como ferramenta de ensino e, na literatura, possibilita capacidades imaginativas e interativas que facilitam o diálogo professor-aluno.

Assim, temos em *Matilda*, que num primeiro olhar é apenas uma história infantil que virou filme³, uma chave de discussão e de ensino do empoderamento feminino, causa necessária na sociedade ainda retrógrada do século XXI.

A importância da literatura e a força do lúdico na educação

A Literatura é instrumento enriquecedor de conhecimento e informação, e, no âmbito Infantil, utiliza o lúdico para que as crianças criem laços com o mundo da leitura. Assim, considerando a força que a ludicidade possui, é fato que esses elementos abrem as portas à interpretação cooperativa e imaginativa. Dessa forma, a produção literária para a infância não nasce apenas da necessidade de ser recurso pedagógico, mas tem outras funções, como a construção crítica,

³ O filme *Matilda* é originado do livro de Roald Dahl, publicado em 1988 em Londres, e ganhou as telas do cinema em 1996 nos EUA com a direção de Denny DeVito.

visando preparar o indivíduo para a vida social, que é repleta de diversidade. Zilberman e Lajolo (1985) afirmam que:

A literatura infantil [...], é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. [...] ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura - a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Cândido⁴, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E [...] - propicia os elementos para emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber. (2003,p.29)

A Literatura Infantil, dessa maneira, cumpre sua função social ao provocar, na criança, novas formas de pensar, levando-a a atuar, de modo inteligente, em busca da compreensão do mundo; despertando-a também, para os valores estéticos e humanos. Por conseguinte, a Literatura Infantil participa da formação crítica e ideológica da criança, fomentando sua percepção e despertando o leitor para princípios e valores, que levam a criança a estar pronta para decifrar criticamente sua realidade. Assim, eles passam a ter poder de criar e recriar um mundo mais justo e mais comprometido com a igualdade e o respeito.

381

Seguindo esse raciocínio, vemos em *Matilda* e nos acontecimentos fantásticos do enredo, que potencializam a capacidade da menina, uma alternativa para a conversa acerca da realidade que o sexo feminino vive já na infância, e que muitas garotas continuam a viver por toda a vida. Logo, o livro, ao apresentar, por exemplo, o desprezo com o que pai trata a menina, explicita a discriminação de gênero, assunto esse que precisa ser debatido, a fim de termos indivíduos transformadores da condição a qual muitas meninas são expostas. Destarte, é preciso que o uso da Literatura Infantil em sala de aula aconteça, uma vez que ela desenvolve imaginação, valores e cultura (LAJOLO, 2002). Zilberman também contribui com essa ideia quando afirma que:

⁴ Cf. CANDIDO, Antonio. “A literatura e a formação do homem”. In: *Ciência e cultura*. São Paulo. USP, 1972.

Aproveitada na sala de aula em sua natureza ficcional, que aponta a um conhecimento de mundo, e não como súdita do ensino bem comportado, ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional. (2003,p. 30)

Isso posto, é preciso que a escola e também as famílias entendam que a Literatura Infantil é terreno fértil para debates e colabora na construção de novas gerações, a serem, idealmente, desprendidas da ideia de submissão feminina. Assim, a literatura deve estar presente na vida da criança a fim de dar a ela o direito de se formar como leitor crítico. E o livro proporciona condições para a compreensão do mundo além daquele conhecido pela criança, que muitas vezes se restringe ao núcleo familiar, e oportuniza “um lastro com base no qual se funda uma concepção autônoma e, portanto, crítica da vida exterior” (ZILBERMAN, 2002, p.29).

Por que o ensino do empoderamento é tão importante na infância? Conceitos de plasticidade cerebral

382

Ao se propor a leitura de *Matilda* e o trabalho das questões referentes ao sexismo, presentes no enredo, e ao empoderamento feminino com alunos na primeira infância, muito se questiona se esse grupo está apto a tratar de um assunto tão complexo. É fato que grande parte da sociedade não valoriza a criança como um ser inteligente e que possui capacidade de se expressar criticamente. Por isso, assuntos que deveriam ser tratados em todo o tempo, sobretudo na primeira infância, são afastados dos alunos. Vale lembrar que muitos alunos chegam à escola com conceitos - ensinados no seio familiar, na sociedade e, por vezes, reforçada pela própria comunidade escolar - como os papéis de gêneros. Exemplo disso é o discurso do menino herói que salva a menina princesa, o que afirma a condição de vulnerabilidade da mulher. Addichie (2017) nos sugere o combate aos papéis de gênero. “Ensine a ela que ‘papéis de gênero’ são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa ‘porque você é menina’. ‘Porque você é menina’

nunca é razão para nada. Jamais.” (p. 21). Além disso, existe ainda hoje a proliferação da imagem de submissão da mulher ao homem; e, assim, não podemos ignorar que, mesmo estando na infância, nossas meninas precisam ser empoderadas, a fim de enfrentar a realidade.

Outro ponto a ser trabalhado é a imprescindibilidade de que as ideias do empoderamento sejam algo disponível também aos meninos, afinal é primordial que eles encerrem esses preconceitos e cooperem na modificação do corpo social, majoritariamente defensor do patriarcado. Além disso, a carga de responsabilidade demandada pelo patriarcado que recai sobre os meninos pode ser fonte de sofrimento também a esse gênero. É de igual relevância empoderar as meninas e formar os meninos para serem colaboradores desse processo de mudança, afinal, embora a desigualdade de gênero afete também os meninos e os homens, o sexo feminino ainda se apresenta em maior desvantagem com relação a esse marcador social, tendo-se como exemplos o casamento infantil, a gravidez precoce, os abusos sexuais de meninas e mulheres e outros tipos de violências de gênero (MIGEON, 2017).

A partir disso, comprovando que esse trabalho deve ser realidade na educação infantil, temos as concepções de plasticidade cerebral, que referem-se à capacidade adaptativa que o cérebro possui de modificar a organização estrutural e funcional em resposta às experiências e aos estímulos ambientais. Elliot afirma:

O cérebro muda quando você aprende a caminhar e a falar; o cérebro muda quando você armazena uma nova lembrança; o cérebro muda quando você se dá conta de ser menino ou menina; o cérebro muda quando você se apaixona ou afunda na depressão; o cérebro muda quando você tem um filho (2013, p. 14).

Nesse ponto é preciso salientar que a plasticidade cerebral é maior na infância do que nos outros estágios da vida (ELIOT, 2013; OLIVA; DIAS; REIS, 2009). Logo, tanto as aprendizagens cotidianas quanto as formais, realizadas em sala de aula, reorganizam o sistema nervoso da criança, provocando mudanças em seu

cérebro e seu comportamento. Assim, o ambiente escolar e o professor são vitais nessa mudança e podem promover, estimular, possibilitar, encorajar e reforçar essas ideias para que a criança desenvolva o melhor dela. E a aplicação da Literatura Infantil em sala é um caminho para isso.

Vale destacar que, se sociedade já funcionasse em padrões mais igualitários, meninos e meninas aprenderiam por identificação nas suas relações humanas, e o comportamento sadio seria incorporado ao seu desenvolvimento. Porém, como isso não é real, é preciso que conversas acerca desses assuntos aconteçam. E *Matilda* é um meio viável para esse debate.

***Matilda*, a inteligência feminina e o empoderamento**

Antes de comentar o enredo de *Matilda*, é preciso conceituar o empoderamento. Ele não deve ser entendido pela simples premissa de “dar poder às mulheres”, mas como estratégias em nível individual e coletivo que promovam mudanças na situação de submissão feminina construída historicamente (LEÓN, 2000). A cartilha *Os Princípios de Empoderamento das Mulheres* (ONU MULHERES; PACTO GLOBAL DAS NAÇÕES UNIDAS, 2016) afirma que esse é um dos passos para a igualdade de gênero; e, diante disso, é imprescindível essa temática ser abordada na escola a fim de prevenir e tentar extinguir as diferentes formas de violência de gênero.

Com isso, podemos analisar o livro *Matilda* (1988), a história de uma menina inserida num contexto sexista que enfrenta problemas na escola, mas consegue com sua inteligência resolver suas questões. Vale frisar que *Matilda* não conta com ajuda de nenhuma figura masculina, o que valoriza a capacidade e independência do sexo feminino. O livro começa no momento em que a menina tem 5 anos, possui capacidades intelectuais acima do comum - aos 3 anos já sabia ler, aos 4 já era avidamente interessada por livros e resolve cálculos matemáticos rapidamente - e que descobre ter poderes sobrenaturais. Ela é

desmerecida em todo o tempo pela família, sobretudo pelo pai, o Sr. Losna e esse descuido familiar é provado pelo fato de que até da matrícula na escola a família se esquece:

A maioria das crianças entra na escola com cinco anos, ou até antes, mas os pais de Matilda, que não se preocupavam muito com a educação da filha, tinham deixado passar a época de fazer a matrícula. Ela estava com cinco anos e meio quando foi à escola pela primeira vez. (DAHL, 1991, 65)

Além disso, a menina tem no pai um homem que superestima o filho mais velho por ser menino e rebaixa Matilda. Exemplo disso ocorre quando a menina responde a um cálculo matemático rapidamente, e o pai diz: “Ninguém no mundo poderia dar a resposta certa desse jeito, especialmente uma menina! Você é uma trapaceira, garota, é isso! Uma [...] mentirosa!” (DAHL, 1991, 53). Nessa mesma linha, a mãe de Matilda é uma pessoa fútil, viciada em jogos, que defende que a mulher precisa aprender a seduzir um homem e não a ser uma boa aluna. A Sra. Losna é a imagem da mulher que aceita seu papel de inferioridade, acatando o ideal machista de incapacidade feminina. Vale lembrar as palavras de Beauvior (1949): “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (p.9), o que fundamenta a ideia de que a imagem feminina que a sociedade patriarcal institui é fruto do desejo de encabrestar e apequenar a mulher, e que é preciso lutar contra essa condição.

385

É importante ressaltar que a ausência da mãe dava à menina a liberdade de ir biblioteca e ter contato com livros que jamais leria se dependesse dos pais. E a leitura a transformava: “Suas leituras haviam lhe dado uma visão de vida que eles jamais tinham conhecido.” (p. 65). Aqui vale lembrar-se do conselho de Adicchie de incentivarmos nossas meninas a lerem: “Ensine-a a ler. [...] Os livros vão ajudá-la a entender e questionar o mundo, vão ajudá-la a se expressar, vão ajudá-la em tudo o que ela quiser ser.” (p. 34).

As marcas do sexismo continuam quando a menina chega à escola e enfrenta problemas com a diretora, Sra. Taurino. E nesse ponto é preciso destacar que,

mesmo não sendo uma figura masculina, a diretora propaga um discurso de sujeição da mulher. Isso se comprova com a análise da descrição da personagem:

A sra. Taurino, a diretora, era bem diferente. Era um gigantesco terror, um monstro forte e tirânico que apavorava alunos e professores. Em torno dela sentia-se uma aura de ameaça, mesmo à distância, e, quando se aproximava, sentia-se o perigoso calor que ela irradiava, como se fosse uma barra de metal incandescente. A sra. Taurino nunca caminhava, ela sempre marchava como um militar. (DAHL, 1991, p. 66).

Percebe-se que a postura da dirigente da Escola Primária Crunchem Hall muito se aproxima de uma figura masculina. Os termos “monstro forte e tirânico” e “militar” dão a impressão que ela usou de uma masculinização para que fosse respeitada. Podemos então inferir que, de maneira sutil, o livro nos apresenta uma realidade em que a mulher não poderia ter um cargo de poder, sendo necessário que se transfigurasse apresentando características do sexo oposto para conseguir a posição. A Sra. Taurino não apresenta nada que denote o ser feminino, a não ser seu nome, e assim propaga a ideia da inferioridade feminina quando se apresenta masculinizada, potencializando o discurso que o homem é quem poder ter poder. Beauvior (1949) afirma que “É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta”. Porém, não há na diretora um indício de interesse em diminuir a distância, mas sim uma submissão ao que é pregado pelo machismo, que em todo tempo revalida que a mulher é menos competente. É claro que, ainda que não seja aqui o foco de discussão, não se pode deixar de ressaltar que estamos, ainda, dada a necessidade de iniciar a discussão em um ambiente muito conservador, tratando imagens de masculino e feminino mais tradicionais.

Temos ainda a figura frágil da Srta. Mel, a professora, que é subjugada pela diretora, que também é sua tia, foi expulsa da própria casa e nada fez para retomá-la. A jovem docente parece ter aceitado que não pode lutar contra o poder da Sra. Taurino. Nas palavras da jovem educadora, a submissão à vontade

da diretora fica clara: “Nunca discutam com ela. Nunca retribuam ao que ela disser. Sempre façam o que ela mandar.” (p.69). No entanto, na contramão desses posicionamentos, temos Matilda, que não acata ao sexismo e, em todo o livro, não demonstra dúvidas de sua capacidade. Da competência de apreciar livros do universo adulto, até às lições que dá na Sra. Taurino e a ajuda à Srta Mel, a menina prova que é apta para resolver seus problemas e que não precisa de um ser masculino para salvá-la. E essa perspectiva, trabalhada com direcionamento adequado, mostra que o sexo feminino não é inferior. Como exemplo de que *Matilda* e o lúdico podem ser trabalhados, temos a seguinte situação: no trecho da história em que Matilda descobre seus poderes sobrenaturais de mover objetos com a força do pensamento, ela utiliza-os para dar uma lição na Sra Taurino, colocando uma salamandra no jarro de água da diretora e virando o copo com o poder da mente. E aqui temos a presença do lúdico ligado a uma menina:

A Taurino estava sentada [...] fitando com uma mistura de horror e fascínio a salamandra [...]. Matilda manteve os olhos fixos no copo. [...] a impressão era que milhões de minúsculos bracinhos invisíveis com mãos [...] saíam de seus olhos [...]. - Vire! - Matilda murmurou. [...] Ele oscilou por alguns segundos antes de, finalmente, virar de uma vez e cair [...] A água e a salamandra serpenteante foram despejados em cheio sobre o peito enorme da Sra. Taurino. (DAHL, 1993, p.174,175)

Esse poder que Matilda expressa neste trecho colabora com a defesa do empoderamento feminino, uma vez que ela se apresenta como heroína, papel tradicionalmente masculino, defendendo todos aqueles que foram humilhados pela Sra.Taurino. E não há tentativa de inferiorização do sexo masculino, mas a exaltação de que meninas também são capazes.

Mais a frente, no desfecho do livro, Matilda não apenas ajuda a Srta. Mel, como também consegue resolver sua questão familiar. Ao descobrir que foi a Sra Taurino que maltratou a docente por anos e a expulsou de casa, a menina bola um plano para encerrar o domínio da diretora. E nesse ponto, o lúdico mais uma vez se apresenta para envolver os alunos na leitura, quando Matilda, com o

poder da mente, move o giz e escreve no quadro negro, passando-se pelo Dr. Mel, ameaças à diretora caso ela não devolvesse o que era de direito da Srta. Mel. E aqui podemos ver uma metáfora da derrota do sexismo, uma vez que uma menina consegue se livrar da Sra Taurino: “- A sra. Taurino caiu! [...] está no chão! [...]. Lá estava ela, a figura enorme da diretora, [...], totalmente nocauteada.”(DAHL, 1991, p. 237). Logo após essa cena, a mulher vai embora, deixando todos os bens antes roubados para a Sra. Mel. *Matilda* nos proporciona um enredo lúdico e que carrega a ideologia da igualdade, desconstruindo o ideal machista de inferioridade da mulher.

Juntamente com o fim da era Taurino, Matilda consegue se desprender de sua família, que a inferioriza. Isso acontece por conta de o pai de Matilda ser descoberto como um trapaceiro e ter que fugir com a família. No entanto, a menina se apavora com a ideia de não ter mais a escola e a Srta. Mel por perto e recorre à professora para que ela interceda aos pais que deixe Matilda ficar. Os pais da menina, ao ouvirem da Srta. Mel que ela cuidaria da menina, não pensam duas vezes e vão embora, libertando Matilda do ambiente de desprezo a que ela estava condicionada enquanto morava com a família.

Em questão de segundos, a mãe, o pai e o irmão estavam dentro da Mercedes, e o carro partiu cantando os pneus. O irmão acenou para Matilda pela janela, mas os outros dois nem olharam pra trás. A Srta. Mel continuou apertando a menina nos braços, e elas não disseram uma palavra, enquanto ficavam ali, paradas, vendo o enorme carro preto dobrar a esquina do fim da rua e desaparecer para sempre na distância. (DAHL, 1991, p.254)

Esse ponto da história pode ser igualmente visto como uma metáfora de libertação. Matilda conseguiu, finalmente, vencer o despotismo da opressão, unindo forças a outra mulher por quem sente compreendida e acolhida.

Assim, toda a trama é trabalhada para que os protótipos sexistas sejam derrotados, dando ao leitor o entendimento da força do feminino. O que deve ser exposto em aula, visando ao encerramento da cultura de inferiorização das

meninas. Dessa forma, *Matilda* se apresenta como Literatura Infantil útil para a disseminação do empoderamento feminino, sendo um caminho para mudança da sociedade.

Conclusão

Neste trabalho vimos como ainda hoje as diferenças biológicas entre os sexos são consideradas determinantes para as desigualdades e percebemos a necessidade da criação de soluções para mudar essa realidade. Assim, este artigo defendeu a aplicação dos conceitos de empoderamento de meninas nas séries iniciais, considerando que o sexismo ainda causa desigualdade entre homens e mulheres e acarreta problemas sociais graves que afetam todas as faixas etárias. Assim, constata-se a necessidade de conter essas adversidades, sanar os prejuízos já causados e promover benefícios às pessoas afetadas. Foi apresentada, ainda, a importância da Literatura Infantil e seu caráter lúdico podem corroborar para a conscientização e a quebra de preconceitos reafirmados por séculos na sociedade, utilizando o livro *Matilda*, de Roald Dahl, como meio de difundir as ideias de empoderamento de meninas, bem como a conscientização dos meninos. Além disso, foram apresentados conceitos acerca da plasticidade cerebral, que justifica a relevância de se trabalhar com tais temáticas desde a infância, aplicando-se conhecimentos que serão apreendidos e multiplicados ao longo de toda a vida. Por fim, este artigo evidencia a urgência no desenvolvimento de estratégias que integrem os temas de gênero e infância, o que é um desafio para a educação no sentido de alcançar resultados na promoção da igualdade de gênero.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Para educar crianças feministas: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 94 p. Tradução: Denise Bottmann.
- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.
- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.
- BOTTON, A.; STREY, M.N. Intervenção com crianças na escola: uma proposta de subversão dos estereótipos de gênero através de produções midiáticas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 2017, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2017.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 236 p.
- ELLIOT, L. Cérebro azul ou rosa: o impacto das diferenças de gênero na educação. Porto Alegre: Ed: Penso, 2013. 408p.
- FERRARI, E. A. et al. "Plasticidade neural: relações com o comportamento e abordagens experimentais". In. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 17, n. 2, p. 187-194, 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722001000200011>
- GUERRA, L. B. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. Revista Interlocução, v. 4, n. 4, p. 3-12, 2011. Disponível em: https://www2.icb.ufmg.br/neuroeduca/arquivo/texto_teste.pdf. Acesso em: 10 out. 2017.
- LAJOLO, M. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 5.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LEÓN, M. Empoderamiento: relaciones de las mujeres con el poder. Estudos Feministas. v.8, n.2, p.191-207, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11935>. Acesso em: 06 out. 2018.
- MIGGEON, F. Educação das mulheres e das crianças. Portugal: Comissão Nacional da Unesco. 2017. Disponível em: <https://www.unescoportugal.mne.pt>. Acesso em: 16 out. 2018.
- OLIVA, A. D.; DIAS, G. P.; REIS, R. A. M. Plasticidade sináptica: natureza e cultura moldando o self. Psicologia, Reflexão e Crítica, v. 22, n. 1, p. 128-135, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722009000100017>
- ONU MULHERES. Pacto Global das Nações Unidas. "Princípios de empoderamento das mulheres". 2016. 24p. Disponível em: www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha_WEPs_2016.pdf. Acesso em: 02 out. 2017.
- ZILBERMAN, R. A Literatura infantil na escola. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.
- ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. Um Brasil para crianças: para conhecer a Literatura Infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993.